



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**AS MÃES NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A REPRESENTAÇÃO DA
MATERNIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO DO CONTO “OLHOS
D’ÁGUA”**

Tamires Sales Fernandes de Paiva

Rio de Janeiro

2024

TAMIRES SALES FERNANDES DE PAIVA

**AS MÃES NA OBRA DE EVARISTO: A REPRESENTAÇÃO DA
MATERNIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO DO CONTO “OLHOS
D’ÁGUA”**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Renan Ji

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

S158m Sales, Tamires As mães na obra de Conceição Evaristo: A representação da maternidade sob o olhar contemporâneo do conto "Olhos d'água" / Tamires Sales. -- Rio de Janeiro, 2024.
32 f.

Orientador: Renan Ji.

Trabalho de conclusão de curso (especialização)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Literatura Brasileira, 2024.

1. Literatura Brasileira. 2. Maternidade. 3.
Mulheres negras na autoria . 4. Representatividade.
5. Conceição Evaristo e o conto contemporâneo. I. Ji,
Renan , orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, Renan Ji, pela orientação indispensável, paciência e apoio contínuo durante o desenvolvimento deste trabalho. Seus conselhos e críticas construtivas foram fundamentais para a realização deste TCC.

Sou igualmente grata à minha família, especialmente à minha mãe, Valdeilsa Sales, por seu amor, compreensão e apoio incondicional. Sem o seu suporte emocional e encorajamento constante, este trabalho não teria sido possível.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste TCC. Cada um de vocês desempenhou um papel importante na concretização deste projeto.

Muito obrigada!

Tamires.

De mãe

O cuidado de minha poesia
aprendido foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala
na violência de meus ditos
ganhei de mãe, mulher prenhe de dizeres,
fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro,
veio dela todo o meu ganho
mulher sapiência,yabá,
do fogo tirava água
do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso
dado para esconder
alegria inteira
e essa fé desconfiada,
pois, quando se anda descalço,
cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou
para os cantos milagreiros da vida
apontando-me o fogo disfarçado
em cinzas e a agulha do
tempo movendo no palheiro.

Foi mãe que me fez sentir as flores
amassadas debaixo das pedras;
os corpos vazios rente às calçadas
e me ensinou, insisto, foi ela,
a fazer da palavra artifício
arte e ofício do meu canto,
da minha fala.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

O presente trabalho explora a temática da maternidade no conto “Olhos d’água”, da escritora brasileira Conceição Evaristo, destacando a forma como ela aborda a experiência materna em seus textos e sua relevância para a compreensão da identidade e da luta das mulheres negras no Brasil. A partir da autorrepresentação e da *escrevivência*, a escritora não representa estereótipos, mas um retrato multifacetado da maternidade, abordando tanto seus aspectos desafiadores quanto os aspectos de resistência e empoderamento. Dessa forma, Evaristo preenche a ausência de uma representação autêntica das mulheres negras na literatura brasileira. A análise é enriquecida pelas reflexões de Lélia González, Angela Davis e Grada Kilomba, cujas obras oferecem uma perspectiva crítica sobre a experiência de ser mulher negra no Brasil.

Sumário:

INTRODUÇÃO	8
1. A AUTORREPRESENTAÇÃO E A <i>ESCREVIVÊNCIA</i>	10
2. LITERATURA E A MATERNIDADE DAS MULHERES NEGRAS	13
2.1 Quem são as mães representadas por Evaristo?	17
3. O CONTO “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	21
3.1 Entre a denúncia e a celebração da vida	23
3.2 A importância da memória	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

Uma história só pode ser contada a partir de um ponto de vista. Ora, o interlocutor carrega em seus falares aquilo que lhe é conhecido ou estigmatizado. Na sociedade movida pelo capital, a linguagem é um ato de poder, não acessível para todos. É então que surge a problemática: se apenas um grupo restrito possui a oportunidade de contar histórias, só conhecemos um ponto de vista. Dessa forma, cria-se uma história única. Para Chimamanda Ngozi (2019), “o perigo de uma história única” está na sua consequência, “ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum” (p. 14). Ou seja, seguindo apenas o ponto de vista individual em uma narrativa, o desconhecido se tornará o Outro, o qual se distanciará, de maneira física e simbólica, de quem narra a história. Nesse contexto, à luz do conceito de ‘Outremização’, Toni Morrison (2017) propõe que, ao privar o Outro de sua humanidade, reafirmamos a nossa. Assim, a partir de uma invenção do Outro, evidencia-se uma sub-humanidade, uma vez que o Outro será sempre inferior quando contrastado com o “eu contador de histórias”. Portanto, é de extrema importância saber quais histórias estão sendo contadas e por quem. Ou, talvez, perguntar: quais histórias não estão sendo contadas?

Por isso, o ato de contação de histórias, por mais inocente e comum que pareça, é político e restrito àqueles cujo poder “é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (NGOZI, 2019, p. 12). Inegavelmente, no âmbito da literatura, existe a dicotomia entre representação e representatividade. Desde os primeiros fazeres literários até a contemporaneidade, predomina uma literatura brasileira escrita por homens, brancos, heterossexuais – os quais ocupam lugares de prestígio na sociedade. Por outro lado, aos grupos subalternizados foi negado o acesso à produção e à circulação de seus discursos. Por isso, a representação dos indivíduos marcados pela alteridade esteve em segundo plano e, majoritariamente, sendo caracterizada por estereótipos projetados por uma específica classe social.

Para falarmos de representatividade na literatura brasileira, torna-se necessária a presença de diferentes perspectivas sociais. Nesse contexto marcado pela marginalização do outro, discursos e vozes narrativas que antes não tinham reconhecido seu lugar de fala trazem à tona novas histórias de si mesmos, marcadas por disputas de gênero, classe, raça e desigualdades sociais. É a partir da década de sessenta, com a publicação de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus — uma autora negra, pobre e periférica — que o lugar de fala da literatura brasileira passa a ser ocupado por uma nova perspectiva. Naquele momento, os escritos de Carolina sobre o seu cotidiano na favela do Canindé

voltaram a atenção pública para a autorrepresentação do que antes era o Outro. Nesse contexto, posteriormente, abre-se espaço para mais autorias vindas das margens, como a de Conceição Evaristo.

A autora é reconhecida como uma importante voz na literatura afro-brasileira contemporânea, e suas contribuições têm sido amplamente celebradas tanto no Brasil quanto internacionalmente. Ela recebeu diversos prêmios e homenagens por sua obra, incluindo o Prêmio Jabuti (2011). Além de sua carreira literária, Conceição Evaristo também é conhecida por sua trajetória acadêmica, formando-se Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua tese de doutorado, *Poemas Malungos; cânticos irmãos*, é uma contribuição significativa para os estudos literários e culturais.

Para Conceição, a escrita está em constante relação com a memória, visto que “a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências” (EVARISTO, 2005, p. 2). Nesse sentido, os escritos de Evaristo assumem um lugar de fala próprio de suas vivências e memórias da infância. Ainda, a autora do livro *Olhos d’água* relata em seus discursos a influência de sua mãe e tias para o desenvolvimento de sua escrita ao longo do tempo. Por isso, os textos de Evaristo refletem o lugar de *sujeito-mulher-negra*. Finalmente, podemos ressaltar que a importância desses escritos é a ocupação de um novo lugar de autoria e a diversificação dos temas literários.

Este trabalho tem como objetivo a análise do conto “Olhos d’água”, a fim de que possamos compreender a contemporaneidade e a inovação das narrativas de Conceição Evaristo. Para comprovação desse fato, abordaremos os conceitos de autorrepresentação e *escrevivência*, norteadores das obras da autora. Desse modo, a partir da fundamentação teórica apresentada, veremos o vazio que cerca a representação da maternidade de mulheres negras na literatura brasileira e como a representatividade desse grupo em obras contemporâneas busca suprir tal defasagem. Em particular, analisaremos a representação das mães por Evaristo, que traz à tona novas vivências maternas, buscando o afastamento dos estereótipos criados sobre as mulheres negras e a maternidade. Portanto, constataremos a potência de perspectivas abrangentes sobre os desafios de mães negras e periféricas presentes na literatura de Evaristo.

1. A AUTORREPRESENTAÇÃO E A *ESCREVIVÊNCIA*

Em seu livro *Literatura contemporânea: um território contestado*, a pesquisadora Regina Dalcastagnè expõe em números a desigualdade presente no espaço literário. Ainda que as formas de publicação tenham se tornado mais acessíveis na sociedade atual, a valorização de obras que fogem do perfil padrão de um escritor de prestígio ainda não é uma realidade:

“Só para citar alguns números, em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa – apresentada no último capítulo deste livro –, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 8)

Como podemos observar através dos dados, o cenário da literatura tem sido ocupado por um grupo de homens brancos e em posição de prestígio. Como consequência, vivenciamos um compartilhamento homogêneo de perspectivas. Por isso, torna-se necessária a expansão do direito à voz. A partir de uma autoria negra, feminina e periférica, surgem novos questionamentos e temáticas, que são marcadas pelo recorte de gênero, raça e território. Diante da ocupação do lugar de autoria de sua própria história — a conquista da representatividade —, surge uma representação pautada em experiências sociais distintas do plano dos estereótipos. Desse modo, torna-se possível pensar em uma reconstrução do ser mulher, negra e periférica, diante de uma nova identidade portadora de voz e poder — ainda que restritos —, a qual se diferenciará do lugar do Outro:

“Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade

própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira.”
(EVARISTO, 2005, p. 3)

Desde a poesia de Gregório de Matos (1623-1696), passando pelo naturalismo de Aluísio Azevedo em *O Cortiço* (1890) e se desdobrando em *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, a representação da mulher negra perpassa por divergentes simbologias que convergem na tendência de reafirmação dos estereótipos vinculados a essa figura. Ao longo da história da literatura brasileira, vemos a objetificação, a animalidade e a hipersexualização que moldaram a imagem da mulher negra no Brasil, desde a colônia até o período atual. Por outro lado, na literatura brasileira contemporânea, com a conquista do lugar de fala, as autoras afro-brasileiras, como Conceição Evaristo, buscam preencher a lacuna da experiência da mulher negra na sociedade, a partir de suas próprias criações, finalmente afastando-se do lugar de Outro do Outro (KILOMBA, 2019).

De acordo com Grada Kilomba (2019), a mulher negra é a “Outra da alteridade” (p. 191), uma vez que elas não são os homens negros e nem as mulheres brancas:

“As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres.” (MIRZA, 1997: 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos.” (KILOMBA, 2019, p. 97-98)

Com a perspectiva exposta acima, observamos que a mulher negra ocupou um espaço vazio quando relacionada a um debate sobre racismo e sobre gênero na sociedade capitalista patriarcal, uma vez que a realidade do homem negro se distingue da sua, assim como a de uma mulher branca. Por isso, as demandas da negritude feminina nunca foram centro de discussões em pautas de questões sociais. Portanto, vemos a relevância dos escritos literários de Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Geni Guimarães e outras autoras que visam dar voz a essa alteridade por meio da autorrepresentação.

Em particular, Evaristo entende sua produção literária como a exposição de sua *escrevivência*. Para a escritora, a *escrevivência* vai além da simples narrativa autobiográfica; é um ato político e transformador que permite às pessoas marginalizadas reivindicarem suas vozes e contarem suas próprias histórias. É uma forma de afirmar a existência e a humanidade das pessoas negras em um contexto social que frequentemente as invisibiliza e as desumaniza. O conceito desenvolvido pela autora diz respeito ao ato de escrever sobre sua própria vivência como *sujeito-mulher-negra*. Dessa forma, o discurso criado por Conceição é marcado por: (I) raça, na medida em que expõe a desigualdade social enfrentada pela população negra, como no seu conto “Di lixão”, que narra a história de um menino pobre em situação de rua; (II) gênero, pois expõe a violência sofrida pelas mulheres negras, como no conto “Ana-Davenga”, que compartilha com os leitores um caso de feminicídio e (III) território, uma vez que a autora traz para a literatura as periferias e as favelas brasileiras, o que acontece no conto “Záíta esqueceu de guardar os brinquedos”, que traz à tona a violência e o perigo dos tiroteios nas favelas. Por isso:

“Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sociocultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas.” (EVARISTO, 2005, p. 3).

A partir de seu lugar sociocultural e sua consciência social, a escritora entende que “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). Nesse sentido, vemos como a ascensão de novas perspectivas pode incomodar aqueles que se apropriaram de narrativas alheias por tanto tempo. Por isso, os grupos subalternizados foram e são silenciados até hoje, sendo isolados dos discursos e dos símbolos de reconhecimento e prestígio. No caso da figura corpo-mulher-negra, sua imagem foi afastada de sua potencialidade fértil e da sua subjetividade, sendo um sintoma disso o fato de que a supervalorização da maternidade no século XIX não foi estendida às mães negras — como veremos mais profundamente na próxima seção deste trabalho. Por isso, a representação literária de mulheres negras como mães é um espaço vazio no cânone literário. É através da autorrepresentação e da *escrevivência* que Evaristo dá luz às mães negras, trabalhadoras e periféricas.

2. LITERATURA E A MATERNIDADE DAS MULHERES NEGRAS

Em uma fotografia feita no Recife de 1860, capturada por João Ferreira Villela, observamos Mônica, ama de leite, e seu pequeno senhor Augusto Gomes Leal. Na época, o ato de eternizar momentos através da fotografia era restrito às elites. Por isso, o fato de a escravizada, Mônica, ser fotografada é um dos muitos indícios de status e riqueza da família branca. A historiadora, Lilia Schwarcz (2020), chama atenção para as visibilidades e invisibilidades possíveis no retrato. Como foi destacado, sabemos o nome completo do pequeno senhor e, por outro lado, nos resta apenas o primeiro nome de sua ama de leite. Dessa forma, não é possível buscar informações sobre sua origem, familiares ou sua história. A partir dessa leitura, nota-se a tentativa de apagamento sociocultural imposto sobre a figura da população negra na construção da sociedade brasileira.



FOTO – Augusto Gomes Leal com ama de leite Mônica – F. Villela, Photographo da A. Casa Imperial do Brasil – Recife, 1860. Crédito: Fundação Joaquim Nabuco.

No retrato apresentado acima, observamos uma amostra da estrutura de poder do período escravocrata. Nela, vemos a proximidade de Augusto com Mônica, que pode ser

explicada pela criação de um sentimento filial por parte do pequeno senhor. Afinal, foi a ama de leite quem o amamentou, após provavelmente ser privada da criação e amamentação de seu próprio filho para servir à família Leal. Mônica exercia o papel de “mãe-preta”. Por sua vez, a postura da escravizada é rígida, encarando o fotógrafo e não correspondendo diretamente ao afeto do pequeno senhor. Propositalmente ou não, ela repousa as mãos na proximidade de seu ventre, sugerindo talvez a ausência de seu filho ou sua filha legítima.

Para Lélia Gonzalez, as chamadas “mães-pretas” eram, na verdade, as verdadeiras mães, já que a mãe branca servia apenas para parir a criança, almejando a manutenção da supremacia branca:

“Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, *é a mãe*. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe pra dormir, que acorda de noite pra cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira.” (GONZALEZ, 2020, p. 87).

Seguindo a abordagem da autora, é a partir dessa maternidade insólita que a mãe preta fica responsável por “dar a rasteira na raça dominante” (idem, p. 87). Através da figura da mãe, o pequeno senhor aprenderia a internalizar valores culturais, a língua materna – o pretuguês – e os demais elementos que fariam parte da construção de um imaginário baseado nos ensinamentos da mãe preta. Por isso, talvez, a ama de leite, Mônica, parece encarar o aparato fotográfico com um olhar fixo, como se a esconder o segredo da semente plantada como herança da cultura brasileira.

Como evidenciado, por meio dos registros fotográficos das amas de leite, a mulher negra possui — assim como as outras mulheres — relação com a maternidade (seja ela própria ou alheia). Aliás, antes mesmo de serem trazidas para a América como escravizadas, já possuíam identidade e cultura familiar nas terras africanas, cuja memória foi apagada pelo colonizador. Entretanto, no âmbito literário, a representação de mães negras é marcada pela escassez. Por isso, escritoras negras buscam retomar as histórias não contadas sobre seus/suas antepassados/as. Conceição Evaristo, em seu ensaio “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, questiona: “Estaria o discurso literário, como o histórico, procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira?” (EVARISTO, 2005, p. 2).

A exaltação ideológica da maternidade no século XIX desencadeou formas de representação idealizadas sobre o ato de ser mãe. Durante esse período, houve uma valorização significativa da maternidade como um dever sagrado e moral das mulheres. A maternidade era vista como uma vocação natural e divina, crucial para a perpetuação da sociedade e a criação de cidadãos virtuosos. Por isso, durante muito tempo – mesmo até os dias atuais –, a vinda de um bebê passa a ser considerada uma “benção divina”. Entretanto, tal visão é restrita às mulheres brancas, ainda que de forma idealizada. Nesse contexto, a representação da maternidade na literatura é um espaço a ser questionado, uma vez que a idealização da maternidade reafirma o mito do amor materno (BADINTER, 1985). À luz dos conceitos da filósofa Elizabeth Badinter, o amor materno é uma construção histórico-social, tal sentimento não é inerente às mulheres por natureza. No contexto literário e das mulheres brancas, fala-se em fertilidade, mas se mascaram os conflitos psíquicos que acompanham o período de gravidez ou a vinda de um bebê, como por exemplo a sobrecarga de tarefas depositadas na mãe, causando aquilo que a psicologia chama de *burnout* materno. Por outro lado, numa perspectiva interseccional, a representação materna das mulheres negras é quase nula na literatura brasileira, visto que:

“Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar em especial a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão[sic] biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência.” (DE ASSIS DUARTE, 2009, p. 64)

O pesquisador em literatura afro-brasileira, Eduardo de Assis Duarte, evidencia a dicotomia presente na figuração da mulher negra na literatura. Ainda que seu corpo seja explorado como objeto sexual e matriz do prazer, seja na representação da escravizada ou da prostituta, ele não é capaz de gerar descendentes, algo totalmente incoerente na construção da identidade brasileira. Como exemplo, o autor José de Almeida (2001) traz reflexões sobre a tentativa romântica da criação de identidade nacional pelos indianistas nas primeiras décadas do século XIX. Nesse contexto, o grande nome desse movimento estético, José de Alencar, apresenta o nascimento do brasileiro, da nação, a partir da figura

colonizadora, o europeu, e da figura indígena. Ambas as representações aparecem nas obras *Iracema* e *O Guarani*. A personagem Iracema, ao dar à luz Moacir, relaciona sua imagem fértil à gênese da nacionalidade brasileira. Dessa forma, podemos entender que a herança cultural brasileira está pautada na condição de descendência. Na contramão desse processo, constata-se uma imagem que anula a fertilidade da mulher negra, sendo incapaz de criar laços vindouros. Portanto, existe um processo de apagamento da herança e da descendência africanas, que muitos contribuíram para construção da sociedade brasileira.

Entretanto, existem algumas tentativas de inserção da maternidade das mulheres negras no âmbito literário. No conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, o autor, contrariando as expectativas da época, traz a representação da escravizada, Arminda, grávida. Entretanto, existe a impossibilidade da maternidade negra, visto que a mulher escravizada não é sequer vista como uma figura materna ou humana, apenas como instrumento da força de trabalho. Nas palavras de Angela Davis:

“A exaltação ideológica da maternidade – tão popular durante o século XIX – não se estendia às escravas. (...) aos olhos de seus proprietários, elas não são realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo.” (DAVIS, 2016, p. 25-26).

Machado de Assis, portanto, expõe em seu conto a existência da gravidez das mulheres negras, porém registra igualmente como a maternidade escravizada foi interrompida de maneira cruel.

É por esse espaço não ocupado na literatura que autoras negras buscam trazer para o centro de seus escritos a representação da mulher negra como sujeito de sua própria história, incluindo sua vivência materna. Em *Quarto de despejo*, a maternidade está presente na vida de Carolina Maria de Jesus, mãe de três filhos: José Carlos, João José e Vera Eunice. Na obra, vemos uma maternidade livre de romantizações, um relato estético do real. Em um trecho, Carolina escreve sobre Vera Eunice sentir fome, mas não haver comida alguma para saciar-se. Desse modo, explicita-se a dificuldade de criação dos filhos vivida por muitas famílias em condições precárias, além da angústia e da solidão sentida por essas mães.

Atualmente, na literatura contemporânea de Conceição Evaristo, observa-se a presença da temática da maternidade também focada em representar de forma verossímil e complexa a vivência materna, especialmente em seus livros *Olhos d'água* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, os quais narram histórias de protagonistas negras.

2.1 Quem são as mães representadas por Evaristo?

Como vínhamos observando, a mulher negra geralmente tem sua representação hipersexualizada ou ocupa lugares secundários e/ou estereotipados nas narrativas brasileiras. A questão é que, por muito tempo, não foram concedidos lugares de prestígio e destaque, assim como o título, entendido culturalmente como divino, de mãe. A fim de ultrapassar esse paradigma de representação das mulheres negras na literatura brasileira, a autora Conceição Evaristo investe na sua autêntica autoria para representar a pluralidade de vivências maternas negras sob um olhar sensível e engajado:

“A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria, e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido” (EVARISTO, 2005b, p. 52)

Conceição Evaristo é autora de um vasto repertório literário, composto de obras como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e outras publicações de sucesso. Evaristo cria poemas e narrativas que discutem as desigualdades de gênero, raça, território e a violência sofrida pela população afro-brasileira na sociedade marcada pela violência estrutural do racismo. Para este trabalho, a fim de nos aprofundarmos em apenas uma temática, destacaremos o livro *Olhos d'água* (2014) e, especificamente, algumas de suas personagens: as mães representadas por Conceição.

No terceiro conto do livro, *Duzu-Querença*, a protagonista é a moradora de rua Duzu, que teve seu sonho de estudar e crescer na vida frustrado. Quando criança, seus pais foram enganados, encaminhando a filha a uma casa de prostituição. Assim, Duzu levou sua vida durante muito tempo. No final, era mãe de nove filhos e todos eles deram netos à personagem. No conto, a realização do sonho dos pais de Duzu se dá através de sua neta, Querença: “Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela,

participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola” (EVARISTO, 2014, p. 37). Apesar da jovem e da avó não serem muito próximas, existe por parte de Querença uma consciência afetiva e social perante as vivências de sua avó. Assim como no conhecido poema *Vozes de mulheres*, o conto passa uma sensação de esperança para as novas gerações:

“A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade.”
(Conceição Evaristo, 2017)

Em “Maria”, acompanhamos a volta para casa de uma doméstica, mãe de três filhos. Nesse conto, apesar de não conhecermos as crianças de Maria, Evaristo consegue representar uma mãe cuidadosa e que faz tudo pelos seus filhos, através dos constantes pensamentos da protagonista nos meninos. Entretanto, a personagem tem sua maternidade interrompida de forma cruel em um ônibus, por suspeitarem de que era cúmplice de um assalto que acabara de acontecer (e não era). “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão” (EVARISTO, 2014, p. 41). Em poucas palavras, a autora consegue traduzir os sentimentos da personagem durante o assalto: estava com medo de deixar seus filhos sozinhos no mundo, pensava neles antes de si própria. Ao final, Maria é linchada até a morte pelos outros passageiros. Nesse momento vemos que: “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (GONZÁLES, 1981, 2020, p. 44). No conto de Conceição, a construção da cena de linchamento de uma trabalhadora doméstica é transmite o sentimento de poder sentido pelos passageiros sobre o corpo negro de Maria. Tal representação retoma o pensamento da filósofa Judith Butler (2009) em seu livro *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Segundo a autora, só

é possível sentir luto quando entendemos que o outro é um ser humano, um semelhante. Portanto, os passageiros responsáveis pela morte de Maria, não a reconhecem como sujeito social.

No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, a representação da maternidade tensiona as expectativas estereotipadas sobre o amor materno. A personagem principal, Natalina, apesar de estar em sua quarta gestação, seria mãe de seu primeiro filho. Por meio de uma linguagem familiar, Evaristo nos conta a história de uma jovem que escolhe dar seus filhos logo após de nascidos, sem sequer demonstrar nenhum arrependimento, mas sim convicção de que estaria fazendo o que é certo para ela no momento: “A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse” (EVARISTO, 2014, p. 46). Neste trecho, podemos observar o conflito entre a realidade da personagem e a ideia construída socialmente do instinto materno. Em Badinter (1985), a autora indaga sobre a natureza instintiva das mulheres, uma vez que a maternidade passa a ser resignificada ao passar das gerações e muitas jovens optam por não ter filhos. Na infância, as bonecas dadas às meninas buscam (re)forçar a concretude do destino cuidador das mulheres. Entretanto, o instinto materno não é uma característica biológica. Por isso, não existe um padrão relacionado ao sentimento materno. Dessa forma, o mito do amor materno desmascara a possibilidade de singularização da maternidade.

Por fim, podemos perceber que, por meio da escrita sensível e crítica de Conceição Evaristo, existe a intenção de dar às suas personagens negras o título de mãe, que antes lhes foi restrito, assim como de possibilitar-lhes outras formas de maternidade. Nos exemplos expostos acima, vemos como protagonistas: uma moradora de rua com seus sonhos frustrados, uma empregada doméstica e uma jovem negra. Todas possuem o direito a serem reconhecidas como mães. Contudo, através de uma representação longe de estigmatizações e idealizações sobre a maternidade, nota-se a pluralidade de vivências das diferentes mulheres representadas. Ainda que pertençam a uma realidade social próxima uma das outras, as experiências sociais são ricas e diversas, incluindo as práticas maternas. Por isso, acredita-se que Evaristo escreva sobre maternidades — no plural —, uma vez que a autora está engajada em representar perspectivas distintas do que é ser aquela que dá à luz. Tais perspectivas se diversificam quando expostas a diferentes categorias sociais de identidade como localização territorial, classe, sexualidade, idade e outras. Portanto, a autora oferece perspectivas múltiplas sobre a maternidade, destacando

não apenas o amor e o cuidado que as mães têm por seus filhos, mas também as dificuldades enfrentadas por mulheres negras em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela discriminação racial.

Em seu livro *Olhos d'água*, o conto que dá início aos escritos é homônimo. Para aprofundamento das considerações até aqui expostas, analisaremos esse texto a partir de uma leitura crítica e detalhada sobre as representações da maternidade por ele trazidas. Dedicaremos nossa atenção para a importância da memória e da dualidade materna entre dor e alegria, transmitidas por uma linguagem fluida, de forma concisa e profunda. Ainda que os contos de Conceição Evaristo sejam compostos por uma linguagem que se aproxima do cotidiano, de forma leve, suas temáticas são intensas e seu conteúdo pode ser difícil de ser lido, uma vez que a autora não separa a literatura das desigualdades sofridas em seu meio social. Para Bakhtin (2003), a linguagem não é individual, pois se evidencia através de um discurso que possui condições ideológicas de origem histórica e social, pertencentes a diferentes classes sociais. Portanto, a literatura não é apenas um discurso estético, mas também um veículo de construção de ideologias. Por isso, veremos de que maneira a escritora mescla questões de gênero, raça e maternidade com o fazer literário e narrativo.

3. O CONTO “OLHOS D’ÁGUA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“Olhos d’água” é o conto que dá início ao livro de mesmo nome. Vale ressaltar que os primeiros nove contos, que compõem a coletânea de quinze, são dedicados à história de mulheres, tema comum na obra de Evaristo:

“Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres. (...) Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo.” (EVARISTO, 2007, p. 17)

Particularmente, no conto em questão, conhecemos três figuras femininas. Apesar dos nomes não serem ditos, o que sabemos é que fazem parte de três gerações da mesma família. Ou seja, temos a protagonista, cuja memória está voltada para a infância ao lado de sua mãe, e seu tempo presente se abre para criar novas memórias com sua filha. A temática da maternidade em “Olhos d’água” é cercada pelo afeto. Contudo, vemos a dicotomia entre dor e alegria nas vivências compartilhadas pela narradora. Afinal, o conto possui narração em primeira pessoa, o que faz com que nos aproximemos das subjetividades envolvidas no discurso literário autêntico da personagem. Além disso, ao Evaristo definir um *sujeito-mulher-negra* e intitulá-la como narradora de sua própria história, pode-se levar em consideração o enriquecimento de perspectivas para a literatura contemporânea. Nesse contexto, é importante lembrar que a autora escreve a história *de dentro* (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 39), uma vez que ocupa o lugar de fala de *sujeito-mulher-negra*. Dessa forma, a autora possui uma vivência compartilhada com suas personagens: “por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’ vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (EVARISTO, 2009, p. 18). Nesse sentido, em meio à ficção, a criação e a realidade se confundem.

Como foi destacado anteriormente, o conto possui narração em primeira pessoa. Vale ressaltar que entre as primeiras nove narrativas dedicadas às histórias de mulheres e/ou meninas negras, o conto que abre e dá nome ao livro é o único que possui uma narradora-personagem. A partir de escritos acadêmicos e entrevistas, o público leitor passa a conhecer a história de vida de Conceição Evaristo, e de alguma forma passamos a relacionar sua biografia com a história da protagonista de “Olhos d’água”. Afinal, seria a vivência da própria autora como *sujeito-mulher-negra* que abre espaço para que outras vivências familiares à sua sejam contadas?

Em primeiro lugar, tanto Conceição quanto sua personagem possuem origens no Estado de Minas Gerais, a escritora nasce em Belo Horizonte e sua mãe, Joana Josefina, nasce no interior mineiro. Por sua vez, a narradora-personagem expõe sobre as origens de sua mãe: “ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas.” (EVARISTO, 2014, p. 16). Em um texto feito para a revista *Quatro cinco um* intitulado “Gente boa” (2021), Evaristo destaca: “crianças no interior de Minas não tinham vestimentas, andavam nuas. Minha mãe ganhou a primeira muda de roupa quando tinha uns sete ou oito anos”. Como podemos observar, o espaço geográfico coincide. Além disso, a narradora, assim como Evaristo, possui muitas irmãs: “sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades (...)” (EVARISTO, 2014, p. 16). Nesse contexto, podemos afirmar que existe uma linha tênue entre a ficção e o real.

Além disso, Joana Josefina era lavadeira, assim como a mãe de nossa protagonista: “alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas” (EVARISTO, 2014, p. 16). Ou seja, ambas as mães, além de compartilharem o mesmo espaço sociogeográfico, compartilhavam do mesmo trabalho árduo. Para terminar, cabe ainda mencionar um último e significativo dado: as duas figuras maternas possuíam a mesma cor dos olhos, olhos d’água. Conceição, ainda no texto *Gente boa*, cujo objetivo é fazer uma homenagem póstuma à sua mãe, expõe: “Nem vou falar das lágrimas dela, a não ser dizer da beleza dos olhos d’água que verteram pranto até poucos dias, na semana passada” (EVARISTO, 2021). Dessa maneira, a autora nos mostra que a história de sua personagem pode se confundir com as vivências de muitas mulheres negras, inclusive com a sua própria. A relação entre a vida da autora e o conto não é o objetivo final deste raciocínio: o importante é perceber como as vidas, os corpos e as marcas da negritude feminina formam um repertório ancestral que conecta as vidas de muitas e diferentes mulheres.

Quanto ao conteúdo, o texto tem seu desenvolvimento a partir de um questionamento da narradora: “De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2014, p. 15). Tal interrogação ecoa nos pensamentos da personagem, assim como na própria leitura do texto. Posteriormente, vemos que a interrogativa sofre uma mudança em seu formato: “Eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?” (idem, p. 15), o que transborda o sentimento de culpa perante o vazio de respostas. Por meio da angústia

sentida ao não saber responder à pergunta, a protagonista traz à tona memórias de seu passado, a fim de tentar achar respostas. Dessa forma, o leitor passa a conhecer suas memórias, as quais denunciam as mazelas e felicidades guardadas em suas vivências.

3.1 Entre a denúncia e a celebração da vida

No prólogo do livro (1ª edição) escrito por Heloisa Toller Gomes, a especialista em estudos de literatura afro-brasileira destaca o equilíbrio entre a denúncia e a celebração da vida nos contos que compõem o livro de Conceição. Em “Olhos d’água”, esta dialética se torna presente nas memórias trazidas pela narradora sobre sua infância ao lado da mãe e das seis irmãs, conforme podemos observar:

“Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida.” (EVARISTO, 2014, p. 16)

No fragmento destacado acima, Evaristo denuncia as condições de vida enfrentadas pela população menos favorecida através da narração de lembranças de sua personagem. Entretanto, apesar de retratar um problema social, existe um trabalho de escolha de palavras e expressões presente nessas linhas, configurando a estética literária. No conto, são as panelas que sentem fome. Por sua vez, a água adquire a capacidade de debochar e ignorar os estômagos e as bocas vazias. Na literatura, a língua pode brincar de sonhar. Dessa forma, a autora consegue trazer para o seu texto a denúncia da fome de uma maneira profundamente imaginativa, levando ao leitor uma experiência ao mesmo tempo de fruição da arte e um enriquecimento crítico-social. Apesar dos indícios de pobreza enfrentados pela família, a figura materna é construída para proteger, de algum modo, os seus próximos:

E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. (...) E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorríamos. (...) Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.” (EVARISTO, 2014, p. 17)

Podemos observar no trecho acima, a celebração da vida em meio aos desafios da fome. Ainda que a fantasia seja criada para distrair a fome sentida pelas crianças, não

existe no conto uma romantização da vivência, mas sim a representação de uma mãe que busca estratégias de imaginação para lutar contra a tragédia da fome. Além disso, a brincadeira escolhida pela mãe da protagonista possui um simbolismo diante da realidade vivida pelas personagens. No momento lúdico, as figuras femininas se tornavam rainha e princesas. As princesas, em especial, demonstram afeto e respeito por sua rainha, através de reverência, cantos e sorrisos. Nesse contexto, podemos relatar o enaltecimento e o reconhecimento de uma maternidade ora feliz, ora dolorosa. Além disso, de maneira ricamente detalhada, existe a exaltação da negritude. Como exemplo, a narradora descreve os cabelos de sua mãe como crespos e belos, o adjetivo atribuído aos fios crespos da mãe demonstra uma criação baseada no empoderamento negro, a despeito de (e em resistência a) todas as adversidades vividas pela mãe com suas filhas.

Em outros momentos do conto, a dicotomia entre a vida e a morte se torna evidente. Outra lembrança trazida pela narradora é a dos tempos chuvosos. Evaristo traz à tona os riscos de desabamento temidos pela população moradora das favelas e encostas: “Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pratos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós” (EVARISTO, 2014, p. 17). Diante dos fragmentos evidenciados, podemos destacar a pluralidade temática que surge a partir de uma perspectiva afrocentrada e comprometida com outras visões de gênero e classe.

Ao trazer para a literatura contemporânea mulheres negras vivendo a maternidade, além de encontrarmos registros de enaltecimento de sua etnia, desencadeiam-se temáticas sociais como a do racismo territorial e a tragédia da fome, desmascarando o mito da democracia racial. Em diálogo com o pensamento de González em *Lugar de negro*, evidencia-se assim a afirmação de que “a raça continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social” (GONZÁLEZ, 1982, p. 89). Vale ressaltar, portanto, que a maioria das pessoas em situação de pobreza no Brasil são pretas ou pardas, uma porcentagem de 70% segundo a pesquisa feita pelo IBGE em 2022. Dessa forma, entende-se que a população menos favorecida tende a residir em localidades mais precárias, desencadeando o racismo territorial. É o que podemos observar no conto a partir da preocupação com a estrutura frágil do barraco em que a família se abrigava.

Portanto, ao abordar a maternidade em sua obra, Evaristo também levanta questões importantes sobre a interseccionalidade das opressões que as mulheres negras

enfrentam, destacando como raça, gênero e classe social se entrelaçam para moldar suas experiências de maternidade e vida familiar. Essa abordagem contribui para ampliar o diálogo sobre as questões enfrentadas pelas mulheres negras e para promover uma maior visibilidade sobre suas lutas e conquistas.

3.2 A importância da memória

À luz dos pensamentos de Florentina Souza (2007), a memória é elemento fundamental para construção e permanência de uma identidade cultural coletiva. Durante o período escravocrata, a violência contra homens e mulheres negras, a intolerância religiosa, o racismo estrutural e outras formas de opressão tiveram como consequência o apagamento da história e da ancestralidade de matriz africana. Por isso, vemos em textos de autoria negra a preocupação em retomar o passado, recontando as histórias que antes foram tomadas pelo colonizador. Dessa forma, elabora-se na literatura novas simbologias de alusão ao passado para tentar suprir lacunas presentes.

O questionamento “de que cor são os olhos de minha mãe?” simboliza a aflição da protagonista diante do medo do apagamento de sua própria identidade. Nesse sentido, Conceição traz à sua literatura a importância da memória para o *sujeito-mulher-negra*. Ao desenrolar do conto, a narradora-personagem decide voltar para a casa onde nasceu, movida pela angústia da interrogação ainda sem respostas. Afinal, como poderia ter tantas memórias de sua mãe, mas não saber a cor de seus olhos? Por sair de casa ainda jovem, em busca de melhores condições de vida, passou muito tempo longe de suas irmãs e mãe. Ao retornar para sua cidade, a protagonista se aproxima do espaço materno e está mais próxima de suas origens. Assim, é possível um mergulho em sua identidade cultural.

O fato é que a narradora acaba por descobrir que a cor dos olhos de sua mãe é cor de olhos d’água: “Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície” (p. 18-19). Nesse sentido, a mãe da personagem guarda em seus olhos a memória de vivências sofridas, amarguras e as misérias da vida. Por isso, a resposta era tão difícil para nossa narradora, uma vez que ela estava afastada em tempo e espaço das memórias de sua mãe. Entretanto, são essas mesmas lembranças escondidas nas *águas correntezas* de seus olhos que constroem a identidade da mãe e, por consequência, a da personagem.

No poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, vemos na segunda estrofe esses mesmos olhos molhados:

“A noite não adormece
 nos olhos das mulheres,
 há mais olhos que sono
 virgulam o lapso
 de nossas molhadas lembranças.”
 (Conceição Evaristo, 2017)

A noite é, para muitos, momento de descanso e, para outros, momento de embaralhamento dos pensamentos e das lembranças. A partir dessa ideia comum, o eu-poético nota que o direito ao sono é limitado para as mulheres negras, uma vez que em seus olhos há mais lágrimas do que sono. Lágrimas estas que guardam *molhadas lembranças*, sejam elas molhadas pelo balanço do navio no mar ou pelo choro de suas ancestrais. Nesse contexto, a mãe da personagem também é uma dessas mulheres para quem a noite não adormece perante seus olhos d’água.

Em certos momentos do conto, a narradora-personagem comenta sobre a proximidade entre a história de sua mãe e sua própria história. Ao narrar sobre o lugar de origem da matriarca e as dificuldades vividas destaca: “às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (EVARISTO, 2014, p. 16). Em uma primeira leitura, podemos entender tal proximidade pelo parentesco direto entre as personagens. Entretanto, com um pouco mais de atenção, vemos que Evaristo trata de uma proximidade entre realidades de um coletivo. Como suas personagens não possuem nome, elas podem englobar todas as mulheres negras, periféricas e mães, visto que elas dividem júbilos e angústias. Em outro momento, as lágrimas das duas personagens se misturam, simbolizando o compartilhamento de dores e alegrias sentidas por ambas, concretizando o pensamento inicial.

Por sua vez, a filha da narradora-personagem a identifica com olhos de cor úmida ao final do conto: “Mãe, qual a cor tão úmida dos seus olhos?” (EVARISTO, 2014, p. 19). A cor dos olhos da protagonista não é feita de águas correntezas, mas ainda assim é úmida. Essa umidade reflete as memórias de um passado marcado pela celebração da vida e a proximidade com a morte, moldura de sua identidade. E, por outro lado, a mãe-narradora tenta descobrir a cor dos olhos de sua filha, a cor dos olhos da nova geração. Talvez, olhos cor de *vida-liberdade*. Assim, vemos a gradação da resistência passada de geração em geração. Afinal, é por meio da memória que é transmitida a vivência dos antepassados e se reforça a resistência negra.

Ainda que Conceição Evaristo traga para sua obra literária a denúncia da realidade vivida pela consequência de anos de escravidão no Brasil, a autora ressalta também como a população negra resiste e vem resistindo contra o racismo, simbolizando uma esperança para o futuro. É o que vemos ao final de seu conto “Olhos d’água” e no poema *Todas as manhãs*:

Todas as manhãs junto ao nascente dia
 ouço a minha voz-banzo,
 âncora dos navios de nossa memória.
 E acredito, acredito sim
 que os nossos sonhos protegidos
 pelos lençóis da noite
 ao se abrirem um a um
 no varal de um novo tempo
 escorrem as nossas lágrimas
 fertilizando toda a terra
 onde negras sementes resistem
 reamanhecendo esperanças em nós.
 (EVARISTO, 2017, p. 13).

Na estrofe destacada, observamos como a memória está diretamente relacionada à resistência. A voz-poética presente no poema descreve como em todas as manhãs ouve sua voz interior, a qual chama de “voz-banzo”. A palavra “banzo” remete ao sentimento de saudade, melancolia, que era experimentado pelos africanos escravizados longe de suas terras de origem, durante a diáspora. Aqui, a voz-banzo é retratada como uma âncora que conecta a pessoa à memória de sua história e de sua ancestralidade africana. O eu-lírico expressa sua crença na força dos sonhos. Tais sonhos, simbolizados pelas lágrimas que escorrem, são comparados a sementes negras que resistem e fertilizam a terra, reavivando as esperanças da comunidade negra. A ideia é que, mesmo diante das dificuldades e do sofrimento, há uma força interna que permite a renovação das suas esperanças e a resistência, como sementes que germinam e florescem mesmo em condições adversas. Portanto, vemos que a temática da resistência perpassa a obra de Conceição através da ficção e da poesia, estabelecendo significados entrelaçados ao potencial da memória ancestral passada de geração para geração.

Em suma, a memória é um tema central na obra de Conceição Evaristo, servindo como um fio condutor que conecta o passado ao presente e oferece uma visão poderosa da resistência e da resiliência da população negra brasileira. Como vemos no conto e nos poemas, a memória é uma fonte de conexão e pertencimento para a protagonista e as

vozes-poéticas de Evaristo, as quais buscam compreender e reconciliar seu passado com o presente. Assim, revisitam memórias dolorosas advindas do racismo estrutural, mas também celebram memórias de amor, resiliência e solidariedade. Nesse contexto, a escrituragem de Conceição não está focada apenas nas denúncias das mazelas enfrentadas pelas mães negras e pela comunidade negra, mas também em exaltar as suas culturas, as experiências de afeto familiar e o enaltecimento da negritude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao final deste trabalho, concluímos que nas obras de Conceição Evaristo, as representações das maternidades emergem como poderosas narrativas que ultrapassam a idealização de simples relatos maternos. Dessa forma, a autora descreve a maternidade como um ato de resistência e amor, onde mães negras são retratadas não apenas como figuras de cuidado, mas como agentes de transformação e sobrevivência. Através de seus contos, Evaristo destaca as complexidades das relações maternas, expondo as lutas e as vitórias que moldam a experiência da maternidade negra no Brasil atual. Suas narrativas não apenas celebram a resiliência das mães, mas também confrontam estereótipos, contribuindo assim para uma representação mais plural e empoderada da maternidade na literatura brasileira.

Como exemplo, a análise do conto “Olhos d’água” nos mostrou a dualidade entre o amor e as lutas enfrentadas durante a vivência materna da personagem. Nesse contexto, apresenta-se não apenas a maternidade como um vínculo de alegria, como foi visto nas brincadeiras criadas por mães e filhas, mas também a mãe como uma agente da sobrevivência, ao acudir as filhas em meio à possibilidade de desabamento do barraco durante a forte chuva. Diante dessas perspectivas, vemos como a contação de histórias é plausível de diferentes pontos de vista e, ainda, que a ocupação da voz narrativa por mulheres negras transcende as estigmatizações criadas pela tradição cultural e pelo racismo. Por isso, abordamos a importância e riqueza trazida pela *escrivência* e pela autorrepresentação.

Por fim, refletimos sobre como a maternidade está presente no campo interseccional entre a raça e o feminino. Como vemos nos contos de Evaristo, as vivências maternas das mulheres negras brasileiras são muito particulares entre elas, criando memórias únicas. Dessa forma, a figura da mãe está marcada pela importância na construção da identidade pessoal e cultural dos seus descendentes. Por isso, as mães negras desempenham um papel fundamental na transmissão de valores, tradições e histórias que são essenciais para a preservação da cultura afrodescendente. Sendo assim, a maternidade é um elo fundamentação entre a herança ancestral e a perpetuação da negritude. Com isso, a representação literária de Conceição Evaristo sobre a experiência de mulheres negras como mães reforça e evidencia a importância da memória e da resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. “Literatura e Mestiçagem”. In: **Outros e Outras na Literatura Brasileira**, org. Wellington de Almeida Santos, Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2001.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Nova Fronteira (1985).
- BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?**. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE ASSIS DUARTE, E. (2009). “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. *Scripta*, 13(25), 63-78. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368/4513>
- EVARISTO, Conceição. “Gente boa”. **Revista Quatro Cinco Um**, n. 51, nov. 2021. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/memoria/gente-boa/>
- _____. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.
- _____. “Da representação a autorrepresentação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira”. **Revista Palmares: Cultura Afrobrasileira**. Ano I, numero1, ago. p. 52-57, 2005a.
- _____. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face”. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Editora da UFPB; Idéia, 2005b.
- _____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- _____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- GONZALVEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- _____. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1982.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SCHWARCZ, Lília. “Duas Mônicas: nome e anonimato nas fotos de amas de leite brasileiras.” **Nexo**. 09 de março de 2020. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/duas-monicas-nome-e-anonimato-nas-fotos-de-amas-de-leite-brasileiras>. Acesso em: 18 de junho de 2024.

- SOUZA, Florentina. “Memória e performance nas culturas afro-brasileiras.” In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.